

# Universitárias se unem em coletivos para combater machismo no meio acadêmico

Com o lema 'se unir para ficar mais forte', cada vez mais universitárias estão se organizando em coletivos feministas para combater o machismo no meio acadêmico. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), um dos principais é o Coletivo ComCiência, criado em 2015 por alunas de Engenharia. Segundo uma de suas participantes, a aluna do sexto período de Engenharia Mecânica Lorrane Morena, de 26 anos, o objetivo inicial era mudar o estigma das mulheres na área de Exatas, tradicionalmente dominada pelo gênero masculino:

[\(Extra, 08/05/2018 - acesse no site de origem\)](#)

— Tendo a universidade como lugar de referência para a produção do conhecimento, é essencial que aqui não seja um espaço de propagação de discursos preconceituosos naturalizados. Observamos que para uma mulher ser respeitada no meio acadêmico, em geral, ela precisa ter um desempenho acima da média. Caso contrário, qualquer falha é vista como uma inaptidão natural para Exatas e não apenas como algo pontual, normal para um estudante da área.

Com o tempo e as demandas, o trabalho foi ampliado. E hoje o coletivo recebe e encaminha denúncias feitas por alunas da instituição.

— Já tivemos casos de professor fazendo piadas machistas dentro de sala de aula e de alunos assediando alunas - conta Lorrane.

Para Cláudia Morgado, diretora da Escola Politécnica da UFRJ (Poli-UFRJ), os coletivos feministas colocam em pauta a necessidade de garantir direitos iguais entre homens e mulheres, oferecendo informação e apoio, principalmente para alunas jovens, nos casos de assédio:

— Um ambiente mais igualitário propicia um melhor desenvolvimento

acadêmico e humano de todos.



Reunião do do coletivo ComCiência no campus da UFRJ (Foto: Divulgação)

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) também conta com grupos feministas atuantes em seus campi. Um deles é o Carolinas - Coletivo de Mulheres Negras, que reúne as lutas contra o machismo e o racismo.

— Não é fácil encontrar mulheres negras em cursos como Direito ou Engenharia. Com a ajuda dos coletivos, podemos mostrar que estamos, sim, presentes. É ótimo trocar experiências com as meninas, uma maneira de não aguentar o fardo sozinha - explica a aluna do sétimo período de Pedagogia Pamela Machado, integrante do grupo.

Na Puc-SP, o destaque é o coletivo das alunas de Direito, YABÁ. Nos encontros semanais, as cerca de 25 participantes discutem pautas caras ao feminismo, como aborto, vertentes e a situação das presas no sistema carcerário.

— É imprescindível a existência de coletivos feministas dentro do ambiente universitário, uma vez que este, assim como outros ambientes, é opressor às mulheres, com condutas machistas de diversos professores, de alunos e da própria administração da universidade — explica Ana Luisa Viveiros, aluna

do quinto período de Direito da instituição, que conclui:

— Por sermos mulheres, somos sujeitas não só ao padrão e estereótipo que envolvem a ideia da feminilidade, mas também às violências física e psicológica. Um professor, por atitudes que não concordávamos, já foi demitido a partir de denúncia feita pelo coletivo.

*Ramon de Angeli*

---

## **Esta é a 1ª vez em 15 anos que a Flip será mais negra e feminina**

Estes são alguns dos nomes de mulheres escritoras que estarão em destaque na programação da Flip 2017. Com a jornalista e especialista em literatura Josélia Aguiar no comando, o evento deste ano terá, em sua programação, um número de autoras supera o de autores.

[\(Huffpost Brasil, 30/05/2017 - Acesse o site de origem\)](#)



## DIVULGAÇÃO

A escritora mineira Conceição Evaristo é uma das convidadas da Flip 2017.

Esta é a primeira vez em 15 anos que o evento consegue trazer um número maior de mulheres do que homens entre seus convidados e também a primeira vez em dez anos que a feira tem uma mulher como curadora. Neste ano, serão 22 mesas com 46 autores, dos quais **22 são homens e 24 são mulheres.**

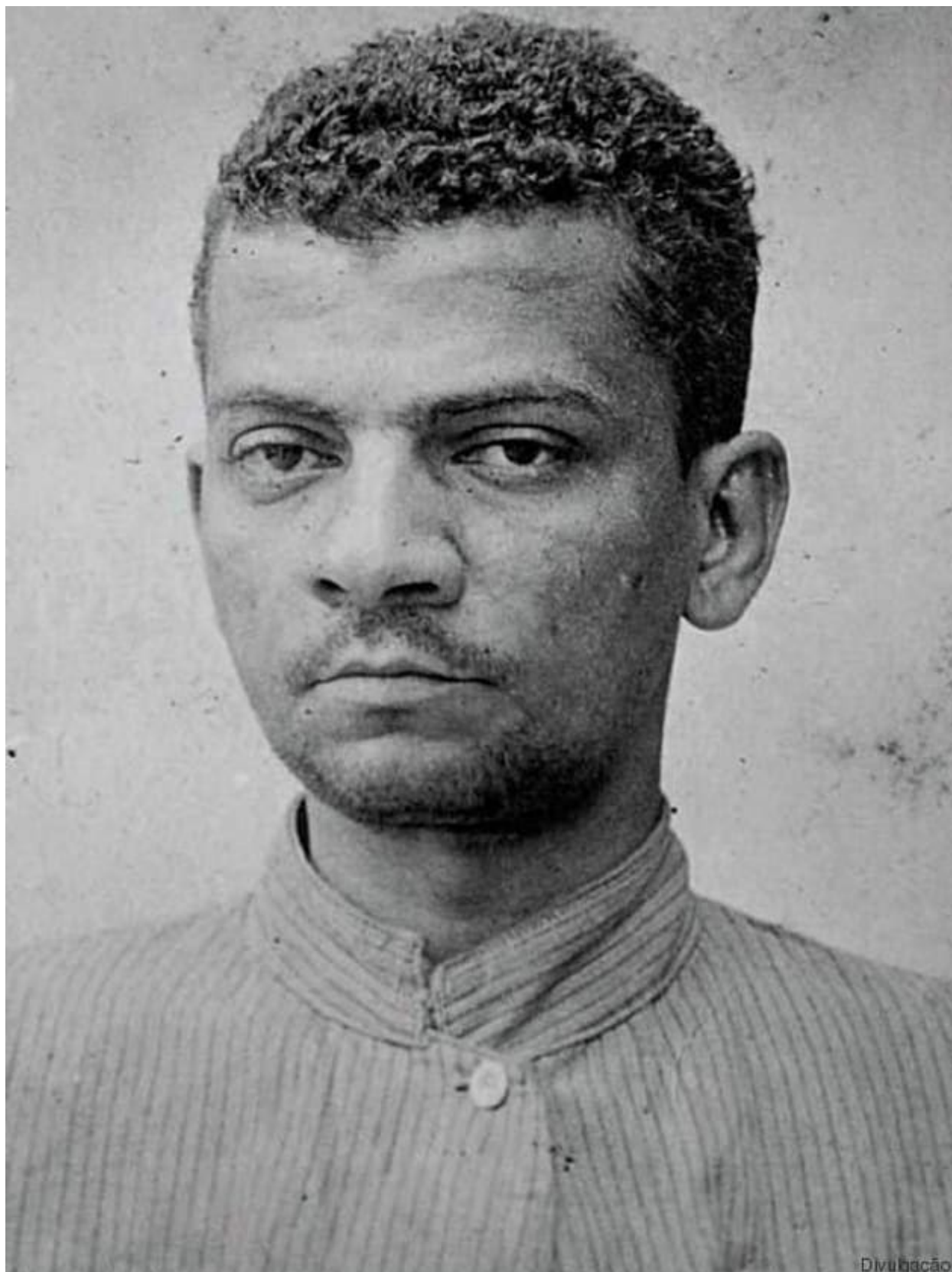
Segundo o UOL, em conversa com jornalistas nesta terça (30), Josélia disse que procurou um diálogo com os movimentos sociais para buscar diversidade e representatividade nesta edição.

“Foram dois movimentos paralelos de ativismo. Precisamos repensar a representatividade nestes eventos. Não dá mais para ter uma programação **toda** de homens brancos, com **uma** mesa de mulheres, **uma** de negros, **uma** de indígenas”

E parece que deu certo.

Mesmo com ainda pouca representatividade, segundo a organização, além do homenageado Lima Barreto, autor de livros icônicos da literatura nacional como *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *O Homem Que Sabia Javanês*, o

**evento deste ano terá 30% de autores negros na programação entre homens e mulheres.**



**REPRODUÇÃO**

Lima Barreto aos 33 anos em sua primeira internação no Hospício Nacional.

A escolha de Barreto cumpre um desejo antigo de **Joselia Aguiar** - [que há três anos promoveu uma campanha para que ele fosse escolhido](#). E também atende a uma demanda que chegou a seu ápice na edição de 2016 Flip. À época, o então curador do evento, Paulo Werneck, mesmo homenageando a poeta Ana Cristina Cesar, foi amplamente criticado pela ausência de mulheres e negros.

Segundo a Revista CULT, Josélia disse:

*“Estamos trazendo autores que há muito tempo já poderiam ter vindo, mas que talvez por fugirem do padrão e por trabalharem com editoras independentes não vieram. São autores que estão aí já presentes, e que a gente pode redescobrir. É como entrar numa livraria e ir ali para baixo na prateleira, ou então em cima - e não apenas ver o que está só ali na frente como proposta”*

Ainda de acordo com o UOL, a curadora ainda conseguiu firmar uma parceria com o Grupo Intelectuais Negras da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) para o lançamento do projeto *Intelectuais Negras*, um catálogo de informações biográficas e profissionais de mulheres.

Os ingressos custarão R\$ 55 e começam a ser vendidos no dia 13 de junho.

Você pode ver a programação completa [clikando aqui](#).

---

## **Número de casos de zika, dengue e chicungunha no país cai 89%**

O número de casos de dengue, zika e chicungunha caiu 89% em relação ao ano passado. De acordo com o Ministério da Saúde, até o dia 15 de abril

foram notificadas 164.302 ocorrências das três doenças; em 2016 houve 1.486.037 registros no mesmo período. Todas as enfermidades são transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*.

[\(O Globo, 08/05/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

Em 2016 houve um número muito alto de casos de doenças transmitidas por mosquitos: foi o segundo ano com maior número de dengue desde o início dos registros, em 1990, perdendo só para 2015. E a incidência de zika e chicungunha também foi recorde — tanto que a maior queda aconteceu no número de casos de zika: nos primeiros meses de 2016 foram notificados 170.535 casos e, neste ano, no mesmo período, foram 7.911 casos, uma queda de 95,3%. No ano passado oito pessoas morreram de zika, e este ano não houve mortes pela doença.



*Aedes aegypti, que transmite zika, dengue e chicungunha - Custódio Coimbra / Agência O Globo*

## **AUMENTO DE VISTORIAS**

Foi constatada uma redução de 90,3% dos casos de dengue, passando de 1.180.472 notificações em 2016 para 113.381 este ano. O número de óbitos também caiu no mesmo período, de 507 para 17.

Em relação às notificações de chicungunha, a queda foi de 68,1% na comparação entre os primeiros meses de 2016 — quando houve 135.030 casos — e 2017, com 43.010 notificações.

O infectologista Luiz Antonio Alves de Lima, da UFRJ, destaca que o verão deste ano foi menos quente do que no ano passado, dificultando a circulação do *Aedes aegypti*. Além disso, houve um aumento significativo no número de municípios que, no segundo semestre de 2016, realizaram vistorias de imóveis em busca de larvas de mosquito — o que reduz as chances de registro de epidemias no verão seguinte.

— Além disso, devido ao enorme número de ocorrências de chicungunha no ano passado, o contingente de pessoas suscetíveis à contaminação diminuiu. É o que chamamos de imunidade rebanha: o vírus circula muito pouco em um

ambiente onde diversas pessoas foram infectadas em outra ocasião — explica.

Lima, no entanto, pondera que os resultados do boletim devem ser vistos com cautela.

— São boas estimativas, mas isso não quer dizer que não há riscos — explica.

— Há quatro tipos de dengue circulando pelo Rio, e a população não está imunizada contra eles. Também existe a possibilidade de que a doença se espalhe entre a população jovem, que é a mais suscetível por nunca ter tido contato com o vírus.

Infectologista da Universidade Federal da Bahia, Jacy Andrade ressalta que o momento deve ser aproveitado para a realização de novos estudos.

— Não sabemos o que acontece quando existe a circulação simultânea de mais de uma doença transmitida por mosquitos. Talvez haja mudanças na capacidade de transmissão. Precisamos entender esses padrões — diz.

---

## **Técnica desenvolvida na UFRJ abre caminho para vacina contra o zika**

O segredo para a elaboração de uma vacina da zika pode estar em uma bomba de pressão. Há um ano, pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) estudam como o vírus que causa a doença reage quando colocado dentro de uma bomba que aumenta a sua pressão hidrostática. Eles concluíram que esse processo inativa o vírus, tornando-o incapaz de infectar uma pessoa. Além disso, mesmo inativo, o microrganismo mantém sua capacidade imunogênica, isto é, a capacidade de gerar imunidade em quem entra em contato com ele. Estes são dois critérios



básicos para criar uma vacina.

**[\(Extra, 19/12/2016 - acesse no site de origem\)](#)**

Na pesquisa, os cientistas colocam o vírus em uma solução dentro de um tubo feito especialmente para ser pressurizado. Depois, inserem o tubo dentro da tal bomba de pressão, na qual ele fica mergulhado em água ou etanol. A bomba é ligada, e a pressão hidrostática aumenta. Em seguida, os pesquisadores retiram o tubo e expõem camundongos ao vírus. Nos cerca de 30 experimentos feitos até agora, os animais não apenas continuaram com a saúde intacta, como também ficaram imunes ao vírus.

O estudo se mostra promissor porque, além de camundongos saudáveis, os pesquisadores usaram animais imunodeficientes, ou seja, com sistema imunológico debilitado por doenças, como a Aids. Todas as cobaias reagiram positivamente. Isto leva os cientistas a acreditar que os microrganismos poderiam compor uma vacina eficaz para toda a população, mesmo para pessoas com alguma enfermidade autoimune ou outro tipo de problema. Mas ainda são necessários mais estudos até que se possa testar o experimento em humanos.

— Nossa linha de pensamento é que, se nem os animais mais frágeis são afetados de forma negativa, esse vírus daria uma vacina segura — comenta a cientista Andréa Cheble de Oliveira, do Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis, da UFRJ, uma das autoras da pesquisa.

Para ela, a chave para a inativação do vírus é a alta pressão exercida sobre ele, alterando sua estrutura sem destruí-lo.

— O vírus é totalmente alterado em sua estrutura, mas sua aparência continua a mesma. É isto que parece importante para manter a capacidade imunogênica — destaca ela. — Além disso, a pressão é um agente físico, não químico. Muitas vacinas hoje usam agentes químicos, e, por isso, produzem efeitos colaterais. Quanto menos agentes químicos forem empregados, menos efeitos colaterais as pessoas terão.

O estudo é parte do conjunto de trabalhos da Rede Zika. O esforço conjunto de cientistas teve início quando o surto da doença começou, e o Ministério da

Saúde declarou estado de emergência, em novembro do ano passado, por conta da epidemia de microcefalia — malformação do cérebro de bebês relacionada com a infecção das gestantes com o vírus. A Rede Zika foi criada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) para trazer respostas, o quanto antes, sobre essa doença, cujos primeiros casos no Brasil foram registrados em 2015.

Diretor científico da Faperj, Jerson Lima Silva lembrou que o Brasil responde hoje por 15% dos artigos publicados sobre zika no mundo. Considerando apenas publicações nacionais, o Estado do Rio foi responsável por aproximadamente 35% dos artigos sobre o assunto, diz o pesquisador.

— Neste primeiro ano de trabalho, a Rede Zika teve importância fundamental para os resultados na ciência, contribuindo com descobertas relevantes — afirma ele, que também integra a equipe que usa uma bomba de pressão para tentar chegar à tão aguardada vacina.

## **DEMANDA URGENTE DA SOCIEDADE**

Desde que os surtos de zika começaram, cientistas de todo o mundo iniciaram uma caça à vacina. Enquanto qualquer imunização demora anos ou décadas até ser disponibilizada, tudo indica que a vacina contra o vírus da zika não levará tanto tempo.

— Temos que buscar fazer essa pesquisa o mais rápido possível, de forma segura e eficaz. Vamos trabalhar possíveis reações cruzadas com dengue, febre amarela e outras doenças. Vacinas demoram a ser produzidas, mas temos que acelerar a criação desta. É uma demanda urgente da sociedade — afirma Jerson Lima Silva.

Ele sabe, porém, que o caminho para uma vacina não permite atalhos. Depois que terminar a fase do estudo com experimentos em camundongos, são necessários testes em animais maiores, como macacos. Trata-se de uma etapa mais cara, portanto exigirá que o trabalho seja publicado, antes, em revistas científicas, para que possa angariar verba. Depois dos exames em macacos, se os resultados forem positivos, a pesquisa pode seguir para os ensaios clínicos, com pessoas.

— A vantagem é que, diferentemente da dengue, a zika só tem um tipo de vírus. Então, é mais fácil desenvolver uma vacina. Trata-se um inimigo só — pontua Lima Silva. — Mas é uma doença muito grave, precisamos testar todas as armas que temos.

Além dele e de Andréa Cheble de Oliveira, participam da pesquisa o professor André Marco de Oliveira Gomes, do Instituto de Bioquímica Médica, os pós-doutorandos Carlos Henrique Dumard e Francisca Hildemagna Guedes da Silva, e o professor Herbert Guedes, do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, também da UFRJ.

---

## Estudante morto na UFRJ pode ter sido asfixiado

**(Agência Brasil, 25/07/2016)** O estudante Diego Vieira Machado, que teve o corpo encontrado no *campus* do Fundão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pode ter morrido de asfixia, de acordo com o resultado preliminar da necrópsia. Diego era *gay*, negro e natural do Pará e foi encontrado morto no dia 2 de julho, próximo à residência estudantil.

De acordo com o titular da Delegacia de Homicídios da Capital, Fábio Cardoso, a principal linha de investigação é que o crime foi motivado por homofobia. Ele acredita que o jovem morreu asfixiado após sofrer um golpe conhecido como mata-leão. “O corpo do Diego foi encontrado não com muitas lesões. Ele tinha lesões na face, algumas lesões internas e parte das costas. Mas algumas lesões muito internas foram detectadas, o que indicam essa dinâmica dele ter sido imobilizado com mata-leão no pescoço”, explicou.

Cardoso disse que ainda é preciso esperar o resultado da perícia para iniciar a busca aos suspeitos. “Nós temos que avançar mais para que a perícia seja concluída e aponte de forma precisa a causa mortis, para que possamos avançar mais e identificar o autor ou os autores desse homicídio covarde

contra o Diego.”

Segundo o delegado, as mensagens de ódio contra Diego e outros estudantes encontradas em redes sociais foram repassadas para a Delegacia de Repressão a Crimes de Informática e as unidades estão atuando em conjunto para identificar os autores do crime.

“Nós monitoramos muitas manifestações xenofóbicas, racistas, homofóbicas. Então, numa parceria com a Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática, que já está investigando esses fatos, nós já estamos trocando informações com relação a essas investigações.”

O delegado participou hoje (25) de audiência pública conjunta das comissões de Discriminações e Preconceitos de Raça Cor, Etnia, Religião e Procedência Nacional e dos Direitos Humanos e Cidadania, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj). O encontro debateu crimes de ódio contra LGBTs no estado.

*Akemi Nitahara. Colaborou Nanna Pôssa, repórter do Radiojornalismo; Edição: Luana Lourenço*

**Acesse no site de origem:** [Estudante morto na UFRJ pode ter sido asfixiado \(Agência Brasil, 25/07/2016\)](#)

---

## **Ato contra intolerância lembra morte de estudante na UFRJ**

**(Agência Brasil, 11/07/2016)** Um ato no prédio da reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) lembrou, nesta segunda-feira (11), a morte do estudante Diego Vieira Machado, no último dia 4.

O corpo do jovem ainda está no Instituto Médico-Legal (IML), e a universidade se ofereceu à Secretaria de Segurança do Estado para ajudar na

perícia, a fim de facilitar a liberação. O reitor da UFRJ, Roberto Leher, classificou de “protofascismo” os atos de intolerância crescentes no país. Diego era *gay*, negro e nortista, o que pode ter contribuído para sua morte.

***Leia mais:*** [Após morte de estudante, UFRJ tenta remover perfis homofóbicos na internet \(O Globo, 12/07/2016\)](#)

“A universidade é essa instituição capaz de produzir conhecimento que joga um olhar crítico a concepções eurocêntricas, arcaicas, toscas. Os que professam o ódio são fortes enquanto operam no subterrâneo”, diz o reitor, em nota distribuída pela universidade.

Segundo a assessoria da UFRJ, Leher citou a campanha “Não se Cale”, lançada em maio, contra manifestações de racismo, LGBTfobia, violência contra mulheres e diversas formas de opressão no ambiente universitário.

Cerca de 100 pessoas participaram do ato, entre professores, estudantes, servidores técnicos-administrativos e funcionários terceirizados ao ato, convocado pela reitoria.

*Vladimir Platonow; Edição: Nádia Franco*

***Acesse no site de origem:*** [Ato contra intolerância lembra morte de estudante na UFRJ \(Agência Brasil, 11/07/2016\)](#)

---

## **Ferimentos não causaram morte de estudante da UFRJ**

***(O Globo, 07/07/2016)*** *Uma das hipóteses investigadas é a de envenenamento*

A Divisão de Homicídios (DH) da Polícia Civil pediu a realização de exames complementares no corpo de Diego Vieira Machado, pois resultados

preliminares da necrópsia indicam que os ferimentos encontrados na cabeça e nos braços não poderiam ter provocado a morte do estudante. Uma das hipóteses investigadas é a de envenenamento.

***Leia mais:*** [Alunos da UFRJ quebram o silêncio e relatam insegurança no Fundão \(O Globo, 07/07/2016\)](#)

O delegado titular da DH, Fábio Cardoso, disse que o laudo de necrópsia é fundamental para a investigação do caso:

— Os exames que estamos pedindo ao Instituto Médico-Legal podem desvendar a dinâmica da morte.

## **ROTINA DE PROTESTOS E MEDO**

Desde sábado, quando o corpo do estudante de letras da UFRJ Diego Vieira Machado, de 29 anos, foi encontrado seminua e com marcas de agressões no campus do Fundão, o medo vem ditando a rotina dos alunos. A suspeita de crime de homofobia, alimentada em parte por ameaças feitas pela internet, aumentou o pavor de quem se vê como possível alvo de grupos conservadores, que se manifestam de forma anônima. Mas o temor de outros tipos de violência, como assaltos, também fez com que áreas de convivência ficassem mais vazias. Agora, uma espécie de mapa do perigo norteia o ir e vir nos cinco quilômetros quadrados da Cidade Universitária.

— Evitamos o bloco H, onde há poucas aulas. As meninas também têm medo de ir aos banheiros que ficam no fim dos corredores. Já apareceram homens nos banheiros femininos. Estamos muito vulneráveis, mesmo dentro dos prédios da universidade — afirma a estudante de letras Nicole Cardoso, de 23 anos. — Os alunos do turno da noite são os que mais sofrem, porque o Fundão é muito mal iluminado.

Para o estudante de engenharia eletrônica Luiz Fernando Leitão, de 23 anos, o medo generalizado no campus do Fundão (onde, três dias após o assassinato, começaram a ser instaladas 17 câmeras de segurança), é fruto de descaso.

— Ninguém está imune a um assalto no Rio, a violência é endêmica e

histórica na nossa cidade. O problema é a inoperância da universidade. Há falta de segurança, de iluminação. À noite, é um perigo. Mesmo que dê para ir a algum lugar do campus a pé, os alunos preferem pegar o ônibus interno, principalmente perto do hospital, por causa da violência. Ninguém sabe o que pode acontecer, quem pode ser a próxima vítima — diz Leitão, que criou a página “Assaltos UFRJ” no Facebook.

## **PASSEATA PELO CAMPUS**

Estudantes e professores fizeram nesta quarta-feira uma passeata pelo Fundão em homenagem a Diego. Entre palavras de ordem, eles repetiram exaustivamente a frase “A nossa luta é todo dia, contra o machismo, o racismo e a homofobia”. Amanhã, às 19h, será realizada a missa de sétimo dia na Igreja de Nossa Senhora de Copacabana.

Procurado pelo GLOBO desde segunda-feira, o reitor da UFRJ, Roberto Leher, não quis dar entrevista.

**Acesse o PDF:** [\*Ferimentos não causaram morte de estudante da UFRJ \(O Globo, 07/07/2016\)\*](#)

---

# **Assassinato de estudante negro e gay no Rio escancara intolerância na universidade**

**(El País, 05/07/2016)** *Diego Vieira foi encontrado morto com sinais de espancamento e seminu no campus da UFRJ*

Diego Vieira Machado, de 29 anos, morreu assassinado no último sábado, dia 2, no campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Seu corpo apareceu às margens da Baía de Guanabara, nu da cintura para baixo, sem

documentos e com sinais de espancamento e um golpe na cabeça. A morte de um negro, gay e bolsista não só chocou o campus, que reclama há tempos da falta de segurança e iluminação, mas revelou a existência de ameaças à comunidade negra e gay da universidade. “Se confirmar que se trata de um crime de homofobia será a confirmação de que vivemos um período de retrocesso na garantia dos direitos civis da população LGBT”, alertou o secretário estadual de Assistência Social e Direitos Humanos, Paulo Melo.

***Leia mais:***

[\*UFRJ instala 17 câmeras de segurança após assassinato de estudante \(Agência Brasil, 05/07/2016\)\*](#)

[\*Alunos denunciam grupos com discurso de ódio na UFRJ \(O Estado de S. Paulo, 05/07/2016\)\*](#)

[\*Estudante é cadastrado como “boiola” em recepção \(A Tarde, 05/07/2016\)\*](#)

[\*Sobre a Necessidade de equiparar a LGBTfobia ao Racismo \(PLC 122, 04/07/2016\)\*](#)

Em um e-mail veiculado em maio através da rede interna da UFRJ, um grupo autodenominado “Juventude Revolucionaria Liberal Brasileira” lançou uma série de ameaças dirigida aos bolsistas: “Tomem cuidado. [...] Vamos começar por um certo aluno que se diz minoria e oprimido por ser homossexual, que gosta de fumar maconha e outras *cositas* a mais (cocaína, chá de amanita...), às vezes com o dinheiro da bolsa ou da família opressora, que briga com os familiares por ter opiniões divergentes da sua grande intelectualidade marxista, que odeia [Jair] Bolsonaro, que prega a liberdade e o amor, mas apoia o aborto [...]”. Por enquanto não há indícios de que o texto, denunciado pelos próprios estudantes ao programa estadual Rio Sem Homofobia, aponte Diego como o alvo do grupo, mas é parte da investigação e escancara um clima de intolerância que já podia se intuir nas pichações homofóbicas nos banheiros e muros de várias faculdades. Diego, segundo o depoimento dos amigos à polícia, sofria ameaças.

Homossexual, Diego era conhecido por enfrentar o preconceito e *botar o dedo na ferida* quando achava necessário. Era raro ele se calar se alguma coisa o incomodava. A motivação homofóbica é uma das principais linhas de investigação da polícia, que já identificou quatro suspeitos - estudantes e



peças de fora do campus - após ouvir o depoimento dos amigos do jovem. Mas não é a única. Em 7 de abril, Diego denunciou no seu perfil do Facebook a suposta agressão e estupro de um jovem por parte de seguranças das obras do campo de rugby, uma atitude que hoje os colegas e a família contemplam como outra possível motivação do crime. “Os seguranças do campo de rugby violentaram e torturaram um rapaz, o deixando nu e humilhado na rua [...]. e [depois] a nossa segurança interna, que levou meia hora pra chegar, sendo que eu levo 15 minutos andando [...] não registrou a ocorrência, não levou o rapaz pra fazer averiguação ou ao médico, e ainda usaram desculpas do tipo, ‘mas o que você estava fazendo aí’. Essa é nossa segurança, que nos protege, chamando a PM para alunos e acobertando seus comparsas estupradores....”, disse.

Diego era o mais velho de quatro irmãos, e criou-se com sua avó e o irmão Maycon na violenta periferia de Belém. O pai nunca o reconheceu, e a mãe, doméstica, não tinha condições de cuidar deles. Ele sempre sonhou em morar no Rio e achou nos estudos a fórmula para se mudar. Entrou na faculdade em 2011 pelo programa de cotas. “Ele dizia que aqui, no norte do país, era muito atrasado, que tinha uma mente muito conservadora. No Rio as pessoas são de outro nível, dizia, são de outra cultura. E aí deu isso, mataram meu irmão, de forma cruel só por ele ser diferente”, relata pelo telefone o irmão Maycon, de 28 anos. “Ele chegou a pedir dinheiro para minha tia para sair do alojamento onde morava. Ele não se sentia seguro aí”, afirma o irmão. Após três anos sem vê-lo, o plano também era comprar em parcelas uma passagem para que Diego visitasse a família durante as férias.

Diego sabia que queria ficar no Rio, mas ainda procurava o seu lugar. Cursava letras, mas frequentava a faculdade de arquitetura e de Belas Artes e pensava em trocar para publicidade. Pela sua renda e a distância do seu domicílio, Diego era beneficiário de uma bolsa de cerca de 500 reais e tinha direito a se hospedar no alojamento universitário. O prédio onde morava - ele e outros pelo menos 250 estudantes - desconstrói a imagem preconcebida de quem imagina os bolsistas vivendo luxuosamente às custas do dinheiro público. O superlotado alojamento universitário, o único que a universidade oferece, parece estar caindo aos pedaços, com os muros pichados, sujo, e com dependências abandonadas ocupadas agora por barracas de alunos que

não conseguiram uma vaga, mas não têm onde morar. Diego dormia com mais duas pessoas em um cômodo de 1,85 por 5 metros e compartilhava um banheiro imundo com o teto desabado. Na cabeceira da sua porta há ainda um alho, tradicional simpatia para afastar as más energias. Na porta de frente, uma frase pintada: “Aqui vivem racistas”.

*María Martín*

**Acesse no site de origem:** [Assassinato de estudante negro e gay no Rio escancara intolerância na universidade \(El País, 05/07/2016\)](#)

---

# **Assassinato de estudante da UFRJ pode ser crime homofóbico, diz polícia**

**(O Estado de S. Paulo, 03/07/2016)** Segundo delegado, Diego Vieira Machado havia sido alvo de ameaças homofóbicas e racistas

O delegado Fábio Cardoso, que atua na Divisão de Homicídios do Rio de Janeiro e é responsável por investigar a morte do estudante Diego Vieira Machado, o crime pode ter motivação homofóbica. “Diego era homossexual e vinha recebendo ameaças homofóbicas e racistas nos últimos dias, então há uma linha forte de investigação que aponta que a motivação desse crime tenha sido homofobia”, afirmou.

**Leia mais:** [Estudante é encontrado morto e com marcas de espancamento na UFRJ \(O Globo, 03/07/2016\)](#)



Nas redes sociais, alunos da UFRJ iniciaram uma campanha por justiça (Foto: Reprodução)

O corpo do estudante foi encontrado no fim da tarde deste sábado (02) boiando na Baía de Guanabara, ao lado da Ilha do Fundão, onde fica o principal campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Como o corpo estava nu da cintura para baixo, a polícia investiga também se ele foi alvo de violência sexual.

*Fábio Grellet*

***Acesse o PDF: [Assassinato de estudante da UFRJ pode ser crime homofóbico, diz polícia \(O Estado de S. Paulo, 03/07/2016\)](#)***

---

# **A violência contra as mulheres nas universidades, por Thaynara Lima**

**(UFRJ, 10/03/2016)** Em tempos de empoderamento feminino, a Pró-Reitoria de Pessoal (PR-4) promoveu no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, o debate Violência contra a Mulher no Ambiente Universitário. O evento aconteceu no Auditório Archimedes Memória, no prédio da Reitoria, e a mesa foi composta pela psicóloga Mafoane Odara, pesquisadora do Instituto Avon, e Luciene Lacerda, psicóloga e pesquisadora do Departamento de Bioética do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva (Iesc/UFRJ), com mediação da estudante de Pedagogia Josi Oliveira, integrante da Diretoria de Mulheres do DCE (Diretório Central de Estudantes) Mário Prata da UFRJ e do Coletivo de Mulheres da UFRJ.

O início do debate abordou os resultados da pesquisa realizada pelo Instituto Avon/Data Popular, que entrevistou 1.823 universitários de todo o país, de instituições públicas e privadas, sendo 60% mulheres e 40% homens. O resultado mostrou as diversas faces da violência contra a mulher dentro das universidades e a forma como é tratada. “É muito importante a gente tomar cuidado sobre como é o espaço construído dentro da universidade para acolher essas discussões de violência”, disse Odara.

## **Legitimação da violência**

Durante a pesquisa o instituto nomeou os diversos tipos de violência contra a mulher – assédio sexual, coerção, violência sexual, violência física, desqualificação intelectual e agressão moral/psicológica –, o que resultou em aumento do número de relatos. Ao serem perguntadas a respeito de terem sofrido alguma violência dentro da universidade, 10% das mulheres responderam “sim” de forma espontânea, enquanto 2% dos homens

admitiram já ter cometido atos violentos contra as mulheres. Em perguntas estimuladas, os números mudaram para 67% e 38%, respectivamente, mostrando que muitos tipos de violência não são considerados como tais pelos agressores. Os dados apresentam, por exemplo, que 27% dos homens não consideram violência o ato de abusar de uma mulher alcoolizada, enquanto 31% acham que repassar fotos ou vídeos sem autorização da mulher não caracteriza um ato violento.

Ao falar sobre o número de mulheres que denunciam os casos de violência, Odara comentou: “Por que só 22% das mulheres fizeram a denúncia? Porque esses 22% sofreram represálias”. De todas as mulheres que sofreram algum tipo de violência, apenas 78% relataram o fato para alguém, e desse número apenas 22% realizaram denúncias formais. Muitas não denunciam por medo. “Quando uma mulher decide quebrar um ciclo de violência, ela deve estar preparada para viver outras violências. Quando ela chegar à delegacia, não vai ser tratada como deveria”, completou Odara. Luciene Lacerda, pesquisadora do Iesc, comentou as falas de Mafoana Odara: “Como não tem espaço de acolhimento, isso faz com que a mulher deixe de denunciar. Ela precisa que a instituição diga o tempo todo: ‘Não toleramos a violência’. Isso é absolutamente necessário”.

O debate gerou surpresa pelo fato de a iniciativa ter partido de homens, mas Mafoane Odara considera essencial o engajamento deles: “Os protagonistas da violência nas universidades não são as mulheres. Por isso, os protagonistas das soluções também têm que ser os homens”. Perguntada a respeito da diferença dos resultados entre as universidades públicas e particulares, Odara disse: “Sim, há muita diferença. Na universidade pública acontecem mais violências”.

### **Trabalho doméstico e esterilização**

Luciene Lacerda falou da forma como a mulher é tratada na sociedade moderna. Sobre trabalho doméstico, criticou a maneira como é visto pela sociedade. Esse tipo de trabalho, segundo ela, é considerado degradante na sociedade patriarcal e em praticamente todas as casas é realizado pela figura feminina. Nas casas em que as mulheres trabalham fora, o trabalho doméstico é repassado a outra mulher.

Em relação aos cursos universitários ditos femininos, como enfermagem, pedagogia, entre outros, a pesquisadora enfatizou a razão pela qual isso acontece. Para Luciene Lacerda, esses cursos são sempre relacionados ao cuidado e à educação, porque há uma lógica patriarcal de que a mulher deve cuidar da educação dos filhos e da família.

Outro tema comentado pela pesquisadora do Iesc foi a relação entre aumento populacional e a violência, que, para ela, afeta as mulheres: “É do útero delas que vem o aumento populacional, e dali nascem os ditos violentos”. Comentou também a esterilização de mulheres negras e indígenas que acontecia nos anos 80, e citou um projeto de lei – que não foi aprovado – da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, que facilitava o processo de esterilização de mulheres e era defendido como solução para a pobreza.

Luciene falou ainda sobre suas visitas a universidades do Canadá e a forma como elas tratam a violência contra a mulher. Alertou para a importância de tratar o tema nas universidades do Brasil. “É necessário o espaço de acolhimento, é preciso que as pessoas se sintam seguras e que haja a prevenção.”

Para Luciene, a ideia de que a universidade não tolera esse tipo de atitude deve ser explicitada em todos os ambientes para que as pessoas que cometem a violência contra a mulher não a considerem mais como algo comum e natural.

Veja na íntegra a [pesquisa](#) do Instituto Avon.

***[Acesse no site de origem: A violência contra as mulheres nas universidades, por Thaynara Lima \(UFRJ, 10/03/2016\)](#)***